



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Luciana de Barros Ataíde

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

orcid.org/0000-0003-3455-1372

lbataide@gmail.com

Identidade e cultura na crônica “Banho de Cheiro”, de Eneida de Moraes

RESUMO: Este trabalho apresenta, através da crônica “Banho de Cheiro” (1997) de Eneida de Moraes, a pluralidade de povos e culturas que integram a Amazônia, de onde emergem formas de conhecimentos em relação aos modos de vida de um povo e à preservação ambiental. Essas considerações são facultadas porque se trata de uma crônica que aponta para uma série de possibilidades plurais de se existir que tem sido deixada de fora das epistemologias em prol de uma ótica hegemônica científica que se pretende estabelecer como única. Nesse mesmo texto, Eneida traz memórias importantes de sua infância que estabelece um paralelo com algumas ideias de Stuart Hall (2006) sobre cultura, identidade e representação. Isso porque, em “Banho de Cheiro”, a escritora paraense mostra a importância de se pensar e conhecer elementos que constituem uma identidade cultural como forma de interpretação da realidade e dos comportamentos. Assim, é proposta deste estudo mostrar, através de análise e de fragmentos da narrativa eneidiana, como os atores sociais, por meio de seus sistemas e de suas conceituações, apresentam sentidos para o mundo em que vivem; sentidos esses construídos dentro de uma pluralidade de formas de existências, desembocando em um conhecimento que vai além do saber científico.

Palavras-chave: Cultura. Identidades. Conhecimento. Amazônia.

SABERES INICIAIS



A reflexão aqui apresentada é resultado de estudos, pesquisas, leituras que o Grupo de Estudos e Pesquisas Escritoras Paraenses (GEPEPs), do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, do Instituto de Estudos do Xingu/UNIFESSPA, desenvolveu durante o ano de 2020, pois neste ano o Grupo trabalhou com o projeto "Resgate de textos de escritoras Paraenses do Século XX: Corpo e Memória nas Letras de Eneida de Moraes", coordenado pela professora Doutora Luciana de Barros Ataíde. O projeto foi contemplado com bolsa pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação/PIBIC/UNIFESSPA 2020, tendo como bolsista a estudante Isabella Caroline Rodrigues.

Após cada encontro do Grupo para a realização de leituras das obras de Eneida, ficava a constatação de que a literatura eneídiana, é território da linguagem poética, da linguagem plurissignificativa, da linguagem metaforizada, da linguagem que se torna símbolo de beleza, símbolo de sentidos, símbolo de significações. Os recursos poéticos empregados pela escritora paraense, infundem, na alma do leitor a realidade experienciada por ela em um misto de sentimentos, de cores, de fantasias.

Constatou-se também, nas leituras, que a literatura tem suas raízes centradas na linguagem a qual é mobilizadora das ações humanas e por isso é capaz de atuar na construção de um mundo mais solidário porque a linguagem expressa a condição de existência da humanidade e por meio dela (linguagem) é possível apresentar formas de se pensar e de se estar no mundo. Essa possibilidade de construção emancipatória é o que pode ser visualizada na crônica “Banho de cheiro”, da escritora Eneida de Moraes. Eneida de Villas Boas Costa de Moraes, ou simplesmente Eneida, como preferia ser chamada, foi uma jornalista, escritora, militante política e pesquisadora brasileira. Nasceu em Belém do Pará, em 1904 e faleceu em 1971, na cidade do Rio de Janeiro.

Eneida é autora de muitos livros, dentre os quais se destacam a trilogia de memórias *Cão da madrugada* (1954), *Aruanda* (1957) e *Banho de cheiro* (1962). Neste estudo o enfoque será dado à crônica “Banho de cheiro” e faz parte da coletânea *Aruanda*. *Aruanda*, como explica Eneida na apresentação do livro,



é o país que trazemos dentro de nós: país de Liberdade e da Paz, país sem desigualdade nem ódios, sem injustiças ou crueldades, país do de amor sonhado por todos os homens. Aquele que carregamos como uma arma ou uma joia tão brilhante, pois foi por nós construído, vivido, criado e é por nós defendido. (MORAES, 1997, p. 26)

É nesse país de que fala Eneida, ou melhor, é nessa coletânea de crônicas que se chama Aruanda que se encontra o ‘banho de

cheiro’ ou o ‘banho da felicidade’ proporcionado por ervas cheirosas que, durante a mocidade da escritora estava em cada esquina da cidade de Belém, em cada corpo que se perfumava para esperar a noite de São João.

Para falar um pouco sobre a construção emancipatória do sujeito, cabe lembrar o livro *A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência* (2000), no qual Boaventura de Sousa Santos diz que a emancipação dos indivíduos foi engolida por uma regulação que tem colocado a ciência como forma de racionalidade hegemônica. Por outro lado, aponta também que o princípio da comunidade e da racionalidade estético-expressiva seriam as representações mais inacabadas da modernidade, mas que seriam os princípios que mais poderiam colaborar para a construção de um pilar emancipatório dos indivíduos/as. Santos diz ainda que “o mais bem colocado para instaurar uma dialética positiva com o pilar da emancipação” (2000, p. 75) é o princípio da comunidade, especialmente porque nele reside a participação e a solidariedade. Em linhas gerais, Boaventura Santos irá dizer que o paradigma moderno estabelece uma separação entre o que é científico e o que é senso comum, separando natureza e humanidade e não aceitando como válido o conhecimento oriundo das experiências cotidianas.

Para contrapor essa separação e endossar a crítica do pesquisador e professor português à ótica hegemônica científica, a narrativa de Eneida mostra o que se pode identificar como culturas e identidade culturais dentro de uma realidade dialógica, cheia de significados e intensões simbólicas que se transformam e se ressignificam a cada tempo. O texto da escritora tem início com uma referência à devoção e culto aos santos que se configura como elementos expressivos do catolicismo popular, ou seja, advindo de povos e suas tradições, logo, desprovido do controle sistemático e dogmático da instituição oficial:

De Santo Antônio sempre ouvi falar maravilhas em
matéria de amor (...) de São Pedro quase nada sei

a não ser que guarda as chaves do céu, (...) Mas com São João o caso muda inteiramente de figura: São João é personagem de minha infância; de São João sou velha e dedicada amiga. (MORAES, 1997, pp. 68 – 69)



No excerto acima, há a expressão de fé do povo simples que tem, nas imagens dos Santos, as simbologias de religiosidade: Santo Antônio, São Pedro, São João. Mais adiante, na narrativa, Eneida diz ainda que “em minha terra, na longínqua e amada cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, há uma prática extremamente bela e perfumada, que se chama o banho de cheiro ou o banho da felicidade” (MORAES, 1997, p. 69). Essa prática do banho de cheiro a que se refere Eneida remete a um existir dinâmico de teias de significados, tecidas pela própria humanidade. Essa teia traz conhecimentos adquiridos pela tradição que, passada de geração a geração, vai se resignificando e construindo um processo de transmissão de saberes. Eneida diz ainda que esse banho de cheiro, ou banho da felicidade “deve ser tomado à meia-noite de 23 de junho para abrir as portas de todas as venturas. São João ajudará”. (MORAES, 1997, p. 70). Aqui, há a presença da fé popular alimentada por promessas aos santos e na confiança em suas intercessões. Trata-se de práticas religiosas vivenciadas por comunidades tradicionais que se expressam pelo culto coletivo.

8

A riqueza de densidade simbólica presente nessas passagens apresenta o encontro entre matrizes étnico-religiosas distintas como afroindígenas e catolicismo popular; há a presença dos Santos (Antônio, Pedro, João), rituais de cura como é o caso do banho e a manipulação de ervas feita por meio do conhecimento popular, pois há as ervas específicas para o referido banho, como será possível verificar mais adiante. Cabe então lembrar os estudos do sociólogo Stuart Hall (2006) acerca do pensamento sobre estudos culturais, tomando-o como elemento essencial para que se possa compreender o referente ‘cultura’ não como algo de apreciação ou estudo, mas como um caminho para a construção de um pensamento crítico da ação social.



IDENTIDADE E CULTURA NA CRÔNICA BANHO DE CHEIRO

A crônica “Banho de cheiro” é um exemplo, como muitas outras narrativas de Eneida, de um saudosismo amazônico, especificamente, da cidade de Belém da infância da escritora. É com uma grande carga poética que Eneida apresenta uma receita para se fazer o ‘banho de cheiro’ a ser tomado à meia-noite do dia 23 de junho, véspera de São João, e é com uma abordagem íntima que menciona a cultura do perfumar-se em ervas como uma prática de seus ancestrais. Esse enquadramento poético de reminiscências se estende à busca pelas ervas; aos tabuleiros de ervas que eram levados de porta a porta; às janelas e portas que se abriam para a compra do banho daquela noite festiva e também a outras práticas culturais que vão se desenrolando nos narrares da crônica, mostrando, ao leitor, um conhecimento que parte dela, Eneida, por meio de histórias que ouviu, por gente que conheceu, por uma vida que viveu.

9

O mergulho que pode ser feito no ‘banho de cheiro’ de Eneida é o mergulho que se faz na pluralidade de vidas que pulsa na região amazônica, em especial, a vida dos povos que integram a Amazônia em sua relação ao cuidado e preservação do meio ambiente; em relação à densidade simbólica das práticas culturais e religiosas; em relação à construção da cosmovisão de um povo, dando sentido e animando as trajetórias individuais e coletivas. Eneida, como amante de sua terra, coisa muito bem declarada em algumas de suas narrativas; amante de sua cultura, da cultura do seu povo, na crônica “Banho de cheiro”, declara que a prática bela e perfumada de se tomar o banho de cheiro, ou, banho da felicidade é simples. Ela aprendeu a receita com seus antepassados e acredita que é por meio da transmissão que irá cumprir o dever de desejar a todos muitas felicidades (MORAES, 1997).

Esse processo de transmissão a que Eneida se refere remete a um ritual de transmissão de conhecimentos; conhecimentos passados de geração a geração em forma de herança cultural. Nele, nota-se fé, crenças, manifestações religiosas e também um conhecimento elaborado em ações sociais, culturais e econômicas. Em relação ao papel que as práticas religiosas e culturais exercem sobre o pensar e o agir dos homens e mulheres na sociedade, nota-se, na

crônica de Eneida, a configuração do universo simbólico-existencial da antiga 'Santa Maria de Belém do Grão Pará' como processo de afirmação das identidades locais. Ao passar seu conhecimento adquirido sobre o 'banho de cheiro', Eneida dá logo a receita:



Tomai de uma lata de banha bem limpa. Dentro dela, com bastante água, jogai folhas, raízes, madeiras cheirosas da Amazônia que, raladas, esmagadas – verdes pela juventude ou amareladas pela velhice – darão, depois de fervidas, um líquido esverdeado, com estranho perfume de mata virgem. (...) Eis as plantas necessárias para o banho da felicidade: catinga de mulata, manjerona, bergamota, pataqueira, priprioca, cipó catinga, arruda, cipoíra, baunilha (uma fava) e corrente. Deixai ferver e ferver muito. Depois – ah depois - ... deixai esfriar e está pronto o vosso banho de São João, que deve ser tomado à meia-noite de 23 de junho para abrir as portas de todas as venturas. São João ajudará. (MORAES, 1997, p. 69-70)

Nesse excerto, nota-se uma memória exposta por Eneida que se expressa pelo culto coletivo, pela relação da população com a terra, com as plantas, com as ervas, apresentando um saber ligado à cultura local. Esse saber está ligado também ao reconhecimento da diversidade sociocultural e epistemológica existente no mundo. O rito do 'banho de cheiro', a transmissão da receita para o banho, é para a comunidade, especialmente comunidades que mantêm os ritos tradicionais, um espaço para o estreitamento dos vínculos sociais, encontro entre gerações, reavivamento de tradições e configura um momento de celebração da vida. Continuando os relatos dessa tradição, a crônica traz a informação de que

nas vésperas de São João, a cidade amanhecia festiva, com a correria de homens carregando á cabeça tabuleiros cheios das ervas da felicidade. Seus pregões embalavam as mangueiras que arborizavam as praças e as ruas da Belém de meu tempo (...) eram muitos, muitos; janelas e portas se abriam em todas as casas. Quem deixava de comprar seu banho para aquela noite? Nos fogões e nas fogueiras – as mesmas que iriam iluminar as noites do santo – a grande lata fervendo. (...) No cabelo das curibocas, jasmims e maços de patchuli recendiam. (MORAES, 1997, p. 70-71)

Aqui há um compartilhamento de significados, conceitos, ideias e sentimentos (véspera de São João, homens carregando tabuleiros cheios de ervas, janelas e portas que se abriam para comprar a erva para o banho, fogueiras que iluminam a noite do santo). Fica notável a linguagem funcionando através da representação, constituindo-se em sistemas de representação. Todo esse cenário está atrelado ao que Stuart Hall (2006) irá chamar de "virada cultural" que nas ciências



sociais e humanas, está relacionada a uma abordagem socioconstrucionista, na qual a representação é concebida como importante para a própria constituição das coisas.

Todo esse sistema de representação cultural construído pela transmissão de conhecimentos que passa de geração a geração é também visualizado em mais uma reminiscência na crônica no momento em que Eneida traz, para seu texto, uma figura muito importante de sua infância

Chamava-se Sabá e foi uma das pessoas mais estimadas de minha mocidade. Contava-me histórias maravilhosas do mundo vegetal, estórias que depois dela não mais encontrei em nenhum livro, em nenhum pedaço da vida. Sabá era, como já disse, uma cabocla paraense que vendia banhos de felicidade no mercado de Belém. (...) narrava casos excepcionais (...) Sabia com dignidade e eficiência a ação de todas aquelas plantas. (...) (MORAES, 1997, p. 73-74).

Complementando esse quadro de tradições, de reminiscências, a narrativa traz também a referência a toda a organização da festividade para esse dia de Santo e também para o banho:

11

Sabá vendendo banhos miraculosos no mercado; Sabá evitando desgraças, abençoando com ervas os amores, fortalecendo com plantas lares quase arruinados. Sabá amansando, colaborando, construindo. Homens com tabuleiros gritando “chêro chêroso”, balões subindo aos céus sem constituírem perigo, fogueiras crepitando, banho de cheiro fervendo, castanhas pulando quentes do meio do fogo, munguzá em cuias, famílias crescendo, as festas caipiras, os ramos de jasmims e os Boi-Bumbá vindo para a porta de nossa casa pedindo licença para entrar. Quantas bandeirinhas de papel de cor! (MORAES, 1997, p. 75).

O cenário de festividades se completa com as cores de bandeirinhas, danças típicas tradicionais, brincadeiras, refeições, receitas; há, portanto, um cenário da tradição cultural que marca e identifica esse povo. É sabido que a cultura adquire formas diversas por meio do tempo e do espaço, manifestando a originalidade e a pluralidade das identidades que caracterizam um grupo. Segundo o sociólogo Stuart Hall (2006) os estudos culturais foram essenciais para que se pudesse compreender a cultura como instrumento de dominação. No entanto, afirma também que definir cultura não é uma tarefa simples por evocar interesses multidisciplinares e por ser estudos de diversas áreas.

Em relação à identidade, dentro de uma concepção sociológica, Stuart Hall (2006) irá reportar aos espaços interior e exterior, ou seja, mundo pessoal e o mundo público. Pela forma como



a narrativa apresentada por Eneida é construída, ela remete ao pensamento de que quando o sujeito projeta a si mesmo em uma identidade cultural é porque ele internaliza seu significado e valores e isso contribui para alinhar os sentimentos subjetivos com os lugares que ocupa no mundo social e cultural. A identidade, nesse contexto, é quem estabiliza o sujeito no mundo cultural que ele habita. Essa estabilização é percebida quando Eneida expressa na crônica que continua, “como no passado, tomando meu banho de cheiro (...) minhas mãos e minha cabeça, é verdade, encharcadas de banho de cheiro” (MORAES, 1997, p. 76-77).

A centralidade da cultura, conforme apresenta Stuart Hall, tem uma dimensão epistemológica no sentido empírico e material da palavra. A partir do entendimento de que os discursos se constituem como redes de significações, os sujeitos os tomam para se auto interpretar e os reproduzem, e é isso que Eneida faz nessa crônica. A construção de todo o cenário de preparação para a noite em que o banho de cheiro deve ser tomado e toda a festividade do dia de São João remetem à análise de Hall sobre o conceito de representação, de significações e de estabilização identitária. De acordo com o pesquisador, os significados culturais têm efeitos reais e regulam práticas sociais. O reconhecimento do significado faz parte do senso da identidade do/a sujeito através da sensação de pertencimento. E esse pertencimento é identificado na crônica quando Eneida declara que continua tomando o seu ‘banho de cheiro’ e traz todo o rito na memória, pois ela constrói o cenário e se coloca como pertencente a toda essa manifestação.

Não passa ileso aos olhos do leitor a presença de um conhecimento elaborado e reelaborado que orienta ações sociais, culturais, econômicas e religiosas que fazem parte de uma coexistência da pluralidade de epistemologias irreduzíveis a uma epistemologia geral. Assim, fica visível a problematização, trazida por Eneida, de saberes que possuem uma racionalidade e uma lógica próprias; a construção, a socialização e a validação de um saber que contribui para a formação de identidades e subjetividades, como se pode notar em ‘Sabá vendendo banhos miraculosos no mercado; Sabá evitando desgraças, abençoando com ervas os amores, fortalecendo com plantas lares quase arruinados. Sabá amansando, colaborando,



construindo.’ A presença desses saberes expostos na crônica de Eneida, por meio dessa personagem ‘Sabá’ remete ao que Boaventura Santos (2002) irá chamar de outras epistemologias.

Outro ponto essencial a ser explorado, a partir desses conhecimentos expostos na crônica de Eneida, é o da ecologia dos saberes dentro do referencial exposto por Boaventura Santos (2008). Para Boaventura, ecologia dos saberes se trata de um conjunto de epistemologias que caracteriza o mundo humano a partir do reconhecimento de que a ciência não é a única explicação da realidade, reconhecendo, portanto, outros conhecimentos que norteiam as práticas sociais e que dão sentido à vida.

O Brasil, a exemplo, é um país de grande diversidade cultural e essa diversidade pode ser percebida em cada canto do país. No Pará, especificamente em Belém, como pode ser observado nos excertos da crônica “Banho de cheiro”, de Eneida de Moraes, há em todo o rito de banho a ser tomado na noite de São João, a presença de contribuições indígenas, africanas, europeias na crença da cura proporcionada pela manipulação de ervas que são específicas para cada enfermidade; ervas essas que serão utilizadas para um banho que precisa ser tomado na noite do dia 23 de junho, vésperas de São João, pois é por meio da intercessão do referido Santo que se alcançará a graça desejada. Há, em toda essa mistura mostrada por Eneida, manifestações culturais que transmitem os modos de ser, as memórias e que juntas, transformam-se e passam a marcar a identidade cultural da escritora.

Seguindo a linha de estudo sobre a ecologia dos saberes, Boaventura Santos (2008) apresenta alguns imperativos culturais a serem aceitos para que se possa estabelecer um diálogo intercultural entre os povos. O primeiro desses imperativos está no interesse em conhecer outras culturas por saber que há incompletude ao se ficar detido apenas a uma manifestação cultural, já que culturas diferentes implicam conhecimentos diferentes; o segundo está em saber que o conhecimento de outra cultura implica o reconhecer do outro; o terceiro é saber que a decisão de estar aberto ao diálogo cabe a cada grupo cultural; o quarto está na definição de assuntos que serão protagonizados nos diálogos entre as culturas; e o quinto imperativo está na aceitação de que deve haver o direito à igualdade quando a diferença



inferioriza uma cultura e o direito ao diferente quando a igualdade descaracteriza uma manifestação cultural em detrimento de outra. Com a abordagem desses imperativos, Boaventura Santos (2008) irá dizer que a ecologia dos saberes está alicerçada nos pressupostos de que não há epistemologias neutras e que as reflexões epistemológicas devem incidir nas práticas de conhecimentos e em seus impactos em outras práticas sociais.

No tocante à crônica de Eneida é possível notar a prática social do 'banho de cheiro' envolta em um conhecimento, ou seja, em uma epistemologia, como diria Boaventura Santos, que caracteriza os saberes de uma população que podem ser vistos em passagens como o banho que, para ter o efeito desejado 'deve ser tomado à meia-noite de 23 de junho'; na sabedoria da cabocla paraense Sabá que conhecia 'histórias maravilhosas do mundo vegetal'; na crença de que, usando as ervas específicas no preparo do banho é possível "arranjar namorado (...) ter sempre dinheiro (...) para que a inveja e o mau-olhado não perturbem nossa vida (...) para amansar gente de mau gênio." (MORAES, 19997, p. 75). Trata-se de um conhecimento adquirido que para essa comunidade tem a capacidade e a utilidade para resolver problemas e um conhecimento que, depois da mulata Sabá, não mais pode ser encontrado em nenhum livro, em nenhum pedaço da vida (MORAES, 1997). Como relatado na crônica, era ela quem 'sabia com dignidade e eficiência a ação de todas aquelas plantas; 'Sabá amansando, colaborando, construindo.' São exemplos de vivências que dialogam com o que Boaventura Santos irá chamar de uma 'ecologia dos saberes' por conter formas de intervenção no real, consolidando-se como um aspecto pragmático e epistemológico, levando em conta que se trata de práticas de conhecimentos.

Todo esse conhecimento compartilhado e apresentado pela escritora Eneida de Moraes pode ser percebido como uma busca de intersubjetividade, levando em conta que cada prática de conhecimento tem lugares diferentes, durações diferentes, ritmos diferentes e mostrando que a intersubjetividade contribui para o encontro, o reconhecimento e o diálogo com diferentes manifestações culturais.

O encontro e a transformação dessas manifestações é o que Clifford Geertz (1989) definiu como culturas ou



identidades culturais. Para Geertz esse encontro é o que constitui as realidades dialógicas, cheias de significados e intenções simbólicas que se transformam e se ressignificam a cada tempo. Esse diálogo transformador entre as culturas é tecido pela própria humanidade. Ao se ler as entrelinhas de um processo cultural, nota-se que ele é carregado de significações simbólicas.

Em sua pesquisa, Agenor Sarraf Pacheco (2012) fala sobre o silenciamento de determinados encontros culturais, lembrando que em determinados encontros, há a sobreposição de uma cultura sobre a outra, especialmente quando se analisa o processo de colonização do país. No entanto, para quem habita a Amazônia, as cosmologias cotidianas são recheadas de conhecimentos do mundo indígena e africano em profundas conexões. Com isso, as trocas de saberes, tradições, crenças, costumes e cosmovisões dialogam em harmonia.

Retomando as reminiscências da crônica de Eneida, não se pode deixar de mencionar a familiarização com a memória vivida pousada na experiência intrageracional, ou seja, experiência vivida e transmitida de geração a geração. Nota-se, que essa familiarização remete ao sentimento de pertencimento. Para Paul Ricoeur (2000) é a experiência que contribui para alargar círculo, abrindo-o rumo ao passado e que coloca os/as sujeitos em comunicação com as experiências de uma outra geração.

Ricoeur (2000) fala ainda sobre a dinâmica das formas de sociabilidade e espaços de interação como processo de reinvenção da tradição. Essa reinvenção acontece devido ao processo de modernização e de urbanização, mostrando que a distância temporal que separa os indivíduos do passado é o intervalo de transmissão geradora de sentido. Essa transmissão de sentido é observada na narrativa “Banho de cheiro”, pois quando Eneida apresenta o quadro da tradição do banho de cheiro de sua cidade, o faz por meio de uma comparação entre o cenário do momento em que se está, com o cenário vivido em sua infância

Não posso assegurar que o mesmo quadro do passado se reproduza hoje na cidade onde nasci. Ela mudou muito; é agora uma triste e envelhecida cidade, arrasada pela miséria e maus governos. A primeira vez que voltei a Belém, depois de quinze anos de ausência, procurei Sabá. Morrera havia muito – disseram – e infelizmente não deixara a receita de nenhuma erva que dê à gente da minha terra um pouco de dinheiro. O banho de cheiro ainda existe até hoje e é cultivado por muita gente (inclusive por mim, mesmo á distância); pode

ser comprado já pronto no mercado ou em casas que se dedicam aos perfumes da Amazônia. (MORAES, 1997, p. 76)



Ao fazer esse comparativo entre o passado e o presente, a crônica de Eneida lembra o que se pode chamar de memória cultural ligada à familiarização com a memória vivida, sobretudo com a experiência vivida e transmitida, ou seja, a memória transgeracional, pois é na tradição do *ethos* de pertencimento que se observa o enraizamento de uma trajetória de descendência. Nesse excerto, observa-se, ainda, a ressituação de valores no tempo presente, ordenados sob a luz de uma nova geração, de novas condições socioculturais, advindas das transformações decorrentes da modernidade. Nota-se que, o que antes levado de porta a porta, janela a janela, em tabuleiros, agora já pode ser comprado pronto no mercado ou em casas de perfumaria da região amazônica.

Em sua crônica, Eneida traz conhecimentos transmitidos, experiências narradas e hábitos compartilhados; e mesmo tendo ficado ausente de sua cidade e reconhecendo a transformação do lugar, afirma que continua, como no passado, tomando o seu banho de cheiro (MORAES, 1997). Apesar de o hábito ter se mantido, há, na crônica, a presença – como afirma Boaventura Santos (2008) –, do epistemicídio diante da hierarquização do pensamento dominante. Não passa incólume a informação de que a cidade festiva da infância de Eneida, especialmente na data em que todos cultivavam o seu banho de cheiro, ‘é agora uma triste e envelhecida cidade, arrasada pela miséria de maus governos’.

Mesmo com a constatação de que, com o tempo, a hierarquização do conhecimento afetou a prática tão cultivada do ‘banho de cheiro’, a narrativa de Eneida dialoga com o conceito de ecologia dos saberes por se mostrar como instrumento de reconhecimento de epistemologias que foram historicamente invisibilizadas e excluídas.

CONSIDERAÇÕES

O diálogo que a produção literária é capaz de estabelecer com outras ciências e até mesmo com a realidade, pode ser construído porque o texto literário não é fechado em si mesmo. Trata-se de uma forma de construção textual que se abre para outras



formas de conhecimento sobre as coisas, sobre os seres, sobre o mundo, porque é capaz de se conectar com diferentes saberes, logo, com as mazelas sociais. É um pouco disso que a crônica “Banho de cheiro”, de Eneida de Moraes transmite ao leitor: um saber que adentra aos espaços sociais e promove discussões sobre distintos temas. O tema de maior apreensão, aqui proposto, foi acerca da ecologia dos saberes, ou epistemologias. Como a narrativa da escritora paraense aponta para a existência de outras formas de saberes que permeiam as práticas sociais, logo, aponta para a necessidade de se reconhecer a existência dessas práticas, principalmente porque, destarte, mostra a hierarquização do pensamento dominante que ignora a pluralidade de conhecimentos como diversidade epistemológica do mundo.

Como pode ser observado em excertos da narrativa, há, na formação de uma sociedade, saberes tradicionais por vezes apreendidos por via de uma cultura oral, mas que demonstram força e significado social em sua permanência junto às comunidades. Muitas vezes, toda a força e significado são provenientes de crenças religiosas, sabedoria popular, conhecimento tácito, que se consolidam independente do conhecimento científico. No entanto, a supressão da diversidade epistemológica de outros povos, a exclusão e o silenciamento de toda a riqueza presente da diversidade cultural se deram para o atendimento aos interesses do capitalismo por meio da dominação política e econômica das sociedades colonizadas.

Nesse sentido, a crônica de Eneida se mostra como a transmissão de uma forma de conhecimento além do científico capaz de trazer visibilidade a existências e de possibilidades culturais, epistemológicas, experienciais, tornadas invisíveis por uma lógica hegemônica que não só desqualifica e deslegitima estes saberes, como os torna não presentes, indignos de serem considerados como razoáveis frente à lógica racional em curso.

REFERÊNCIAS

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1989.

IDENTIDADE E CULTURA
NA CRÔNICA “BANHO DE
CHEIRO” ...
Afluente, UFMA/CCEL, v.7, n.20,
p. 05-19, jan./jun. 2022
ISSN 2525-3441

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2000

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

PACHECO, Agenor Sarraf. **Os Estudos Culturais em outras Margens**: identidades afroindígenas em 'zonas de contato' Amazônicas. Fênix (UFU Online), v. 09, p. 01-19, 2012

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000

SANTOS, B. S. **A crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes”, in Santos, Boaventura de Sousa e Meneses, Maria Paula (Orgs.), **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Editora Almedina, 23-71, 2008

_____. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 2002.



18

Recebido em 23 de dezembro de 2020.

Aprovado em 06 de janeiro de 2022.

CULTURE AND IDENTITY IN THE CHRONICLE "BANHO DE CHEIRO", BY ENEIDA DE MORAES

Abstract: This work presents, through the chronicle “Banho de Cheiro” (1997) by Eneida de Moraes, the plurality of peoples and cultures that make up the Amazon, from which forms of knowledge emerge in relation to the ways of life of a people and environmental preservation. These considerations are provided because it is a chronicle that points to a series of plural possibilities of existing that have been left out of epistemologies in favor of a scientific hegemonic perspective that intends to establish itself as the only one. In that same text, Eneida brings important memories of her childhood that establish a parallel with some ideas of Stuart Hall (2006)

about culture, identity and representation. This is because, in “Banho de Cheiro”, the writer from Pará shows the importance



of thinking about and knowing elements that constitute a cultural identity as a way of interpreting reality and behavior. Thus, this study proposes to show, through analysis and fragments of the Aeneid narrative, how social actors, through their systems and conceptualizations, present meanings for the world in which they live; meanings that are constructed within a plurality of forms of existence, leading to knowledge that goes beyond scientific knowledge.

Keywords: Culture. Identities. Knowledge. Amazon.